

MATERIAIS PARA O ESTUDO DOS DIALECTOS PORTUGUESES

V

Correcções e aditamentos ao «Vocabulario de Rio-Frio e Moimenta» publicado a p. 202-220 da «Revista Lusitana»

Sajere-me ainda o snr. Manuel Ferreira Deusdado os apontamentos que abaixo se leem. Pouco ou nada lhes acrescentei, e direi apenas que espero do seu interesse pelo estudo da nossa dialectologia, que não descontinuará no empenho de concorrer com subsídios de tamanho valor para o melhor conhecimento e para a ampliação do léxico português; e tanto mais que muitos desses vocábulos teriam boa aceitação no tesouro comum da lingua. Fôra também de desejar que este professor publicasse uma copiosa collecção dos termos e locuções relativos a agricultura e indústrias domésticas, bem como a nomenclatura botânica e zoológica daquelas localidades, acompanhando esse trabalho com a descrição dos costumes, usanças, superstições, etc., que de certo conhece perfeitamente, e na qual poderia tomar por modelo os interessantissimos e pitorescos estudos de Pitré.

abessêdo, R. F., a parte, virada ao poente, de um monte orientado no sentido dos meridianos, sendo a parte oposta denominada *soalheiro*.

ajagada (rês), R. F.: a definição dada pode induzir em erro, por ser pouco explicita; *rês ajagada* é propriamente a que foi *abocanhada* do lobo. Com respeito à forma, cf. também *jorro*, com o castelhano *chorro*.

carrapiça, R. F., pedaço de velo a que é difficil desfazer os nós; *scarrapiçar* (carnear).

carrica, R. F., ave conhecida; monte de herva; tufo de cabelo.

carrico, R. F., individuo de cabelo crêspo.

chicha, R. F., «carne» em linguagem infantil.

coanho, R. F., residuo de palha, contendo ainda grão, a qual fica no eirado depois da trilha. É provável que a definição já dada fôsse deficiente também para Moimenta.

cor|o|cumbas (de), R. F., de *corócas*, de *cócoras*. Em castelhano diz-se *de cuclillas*.

curjidade, *curjidoso*, R. F., curiosidade, curioso: cf. em Lisboa *crusidade*.

folcra, R. F., é também nome de um pássaro.

furgalho, R. F., migalha, restos.

mó, R. F., monte de pão na eira, já limpo da palha. *natibó*, R. F., noutibó, ave: criatura desairosa, desastrada, «jarreta».

niscaro, R. F., (pron. cuási *niscaro*), espécie de cogumelo: na Beira Alta *niscaras*.

panca, R. F., alavanca de madeira, e não de ferro, como equivocadamente se disse, a p. 214.

parba, R. F., cereal na eira, antes de trilhado: Cf. *parva*.

parbão, cereal já trilhado, amontoado em colunas para ser levantado ao vento e limpo.

peleira, R. F., bebedeira.

pelindrengas, R. F., *pendengues* em Moimenta. V. p. 215.

pelubinho, R. F., redemoinho; nevoeiro. Cf. *porborinha*, p. 221.

Todas as formas indicadas parece que são variantes de *murmurinho*, *murmurio*, ou, mais provavelmente, que houve influência mútua entre este vocábulo e *pulco*, «pó». ¹

préxigo, *prexigueiro*, R. F., «pêssego», «pessegueiro». A notável permanência do *r* na forma dialectal corrobora a já conhecida etimologia [malum] *persicum*. E' também ali usual a locução *de saccha-prexigueiro*, correspondente á de Lisboa, *d'escacha-pessegueiro*, «de grande força», «decisivo». ²

scarrapichar, R. F., carrear a lã: cf. *carrapica*.

soalheiro, R. F., a parte de um monte virada ao nascente. Veja-se *abessédo*.

sopear, R. F., Acrescente-se que é termo de Ciganos.

sterfogueiro, R. F., cubo ou cilindro de pedra, dentro da lareira, para se lhe encostar a lenha. Em casas abastadas usa-se também de ferro: cf. *trafogueiro* e *trasfogueiro*.

t[a]ralhoeira, R. F., armação para apanhar taralhões. A locução *caír na tralhoeira* corresponde á usual *caír na esparrela*, «ser inopinadamente logrado, surpreendido».

trilha, R. F., cereal estendido na eira para ser pisado. Veja-se *parba* e *parbão*. ³

¹ [Em mirandês diz-se *pulburino*, em linguagem de Bragança *pulverinho* e *pulberinho*. Estas formas supõem o lat. *apolvericinus* ou *apolverinus*, sobre *pulvis*, *-eris* (arch. *polvis*). A forma *porborinho* parece assenta também nesta, embora o *porborino* se deva explicar por influencia de *murmurinho*. A forma *pelubrinho* creio que assenta directamente; tendo havido porém suarabacti de *u*: *apulubri-* *u(n)u(o)*: *apulubrinho*, *pelubrinho* por dissimulação (*e*—*u*—*u*).—J. L. de V.]

² [Em Matella, c. de Vimioso, ouvi ha annos dizer também *préxigo* (com e aberto) e *prexigueiro* (com e surdo). E' provavel que *préxigo* não assente directamente em *persica*—(a metathese do *r* em syllaba tónica parece-me ser insolita) mas sim em *prexigueiro*: *persicaria*.—J. L. de V.]

³ [Esta palavra liga-se com o verbo *trilhar*, e este com o instrumento de lavoura denominado *trilho* (lat. *tribulum*). O *trilho* serve para debulhar nas ciras o trigo, o centeio, etc., e corresponde ao *mangual* da Beira Alta e ao *malho* do Entre-Douro-e-Minho, embora difira completamente quanto á forma. A descripção do *trilho* transmontano pôde fazer-se com as seguintes palavras de Varrão: «Tri-

* *pluberans*
* *plubarinho*
= *porborino*

VI

Fonologia dos elementos vocálicos átonos no dialecto português do centro do reino

Vogais ciciadas

Considerando como dialecto hipoteticamente uniforme os falares de Entre-Tejo-e-Mondego, não-raianos, isto é o idioma que se toma como X dialecto literário, diligenciarei averiguar as leis fonológicas que regulam as vogais e ditongos, especialmente as primeiras, conforme a sua situação relativamente às sílabas tónicas e às consoantes contiguas. Estabelecerei neste primeiro artigo o que me parece constituir a doutrina principal da afonia de certas vogais, reservando para estudos subsequentes a verificação do funcionamento dessas leis, e a explicação das excepções que resultarem do exame mais minucioso dos factos, que apenas deixo agora apontados, e que tenho por de suma importância.

Numa lingua em que, assim como na portuguesa, o icto, ou acento tónico, sem que exerça, como nas jermánicas, constantemente função lójica, é feição ainda assim tão proeminente da sua fonologia, que, avultando as sílabas tónicas, ofusca pela sua intensidade todas as sílabas subordinadas, é perfeitamente explicável que estas percam tanto mais a sua sonoridade, quanto menos os elementos que as compõem participem da condição de voz, isto é, quanto em si elles sejam menos sonoros.¹

Por outro lado, em quasi todos os idiomas em que a noção de quantidade prosódica nas vogais se vai obliterando ou se obliterou já, obliteração que Lepsius advertiu produzir-se nos dialectos de occidente com relação aos seus co-dialectos orientais, é tendência reconhecida, para compensar essa distinção, o dar-se todo o relêvo à sílaba dominante em detrimento das que a precedem, e sobre tudo das que se lhe seguem.

Este último facto é digno da maior ponderação. Assim teremos de examinar a atenuação sofrida pelas vogais das sílabas antetónicas em separado da que sofrem as sílabas postónicas, pois muitas vezes não coincidem as leis fonológicas por que se regulam. Exemplo fri-

bulum fit e tabula lapidibus aut ferro asperata, quae imposito auriga aut pondere grandi trahitur jumentis junctis. ut discutiat e spica grana. De re rustica 1, 52, 1. — Uma estampa que vem no *Dict. des antiq. rom. et grecques* de A. Rich (trad. fr.), s. v. *tribulum (tribula)*, completa aquella descripção, e dá exactamente a ideia do trilhão. Em Tras-os-Montes tanto o costumam tornar aspero por meio de pedras duras, como por meio de pedaços de ferradura: em cima vae a fazer peso um *paquete, i. é, móço* (auriga) ou uma enorme pedra (grandi pondere). Não tem rodas, como tambem as não tem o que vem em Rich. — *J. L. de V.*

¹ Veja-se Leite de Vasconcellos «A Evolução da Linguagem», p. 37.

sante d'êste tratamento diverso é no inglês actual da Europa a circumstância de se admitirem depois da tónica mais de duas sílabas átonas com as competentes vogais atenuadas, emquanto que antes dessa tónica apenas duas, e usualmente uma única, são toleradas, realçando-se em vocábulo extenso outra sílaba por meio de um ictó secundário, que, mantendo o ritmo, facilita a emissão vocabular, ou melhor a frásica, da qual é de supor que esta lei derivasse para a enunciação dos vocábulos.

Factos análogos veremos que se dão, se não em todo o dominio continental do português, pelo menos nos falares do centro do reino. Sendo de presumir que a esse equilibrio não fujam absolutamente os outros dialectos, não pode porém asseverar-se a generalidade do fenómeno por falta de estudos parciais prévios, que ainda estão por fazer, o que não admira por ser talvez esta a primeira vez que a tal facto se atende desenvolvidamente.

Devo, todavia, advertir já aqui, para que não pareça estranho, ou em mim predisposição de espirito para criar distincções entre português setentrional e português meridional no continente, que só a êste último me referirei por emquanto, ao attribuir-lhe a feição característica da existência de vogais cicizadas. Até que mais completo estudo dêste facto fonético nos venha revelar essa existência nos dialectos do norte e nos galegos, tenho como provisoriamente admitido que lhes é estranha a aфонia das sílabas postónicas.

O sistema das vogais orais portuguezas, tal como, regulando-me pela minha pronúncia de Lisboaeta, o fixei no «Essai de Phonétique et de Phonologie de la langue portugaise» ¹, é o seguinte:

Symbolos	Exemplos
à	Sá
è y ò	sé da só
é — ô	sê — sou
i e u	ti de tu
(ɛ) (o)	cear soar

Da leitura d'êste quadro deve concluir-se que cada uma das vogais é aí sómente considerada pelo seu carácter essencial, pelo seu timbre, pelo que ela é em si, independentemente de toda a relação com os sons contíguos, e de qualquer accidente de entonação, quantidade prosódica ou energia de emissão (ictó).

A p. 56 do estudo citado dei eu, porém, às vogais tónicas à, á, è, é, ò, ô, i, u as correspondentes átonas, nas sílabas não-acentuadas, resumindo essa correspondência no quadro seguinte, que transcrevo para aqui por ser pouco conhecida em Portugal aquella publicação, mesmo pe'los que entre nós se interessam nestes estudos, e porque é necessário esse quadro à intelligência do que vou expor.

¹ «Romania», t. XII, p. 28.

A publicação a que me refiro, e da qual datam os estudos portugueses metódicos de fonética, teve certa aceitação lá fora, e provocou especial atenção da parte de dois eminentes glotólogos ¹, que da fonética portuguesa se haviam occupado contemporaneamente, sem que eu o soubesse, e que em vista do meu trabalho aditaram e corrigiram os deles. Na doutrina e método que assentei filiam-se também os estudos dialectais do sr. Leite de Vasconcelos na parte fonética, e muito recentemente nessa doutrina se funda o trabalho primoroso do dr. J. Cornu sobre o português, que vem inserido nos «Elementos da Filologia Românica» ². Não será pois, espero eu, levado à conta de imodestia o referir-me constantemente ao «Essai», pois que, até que outro estudo mais perfeito appareça, é ele ainda o mais completo.

Correspondência das vogais tónicas e átonas

vogais plenas	vogais reduzi- zidas	antes de con- soante palatal	antes de outra consoante	antes de vogal	
â	â	â	â	â	(â tónico somente antes de nasal)
ã	ã	ã	ã	ã	(ẽ = â ou âi)
ê	ê	ê	ê	ê	representado por e
é	é	é	é	é	representado por e
í	í	í	í	í	representado por i
ô	ô	ô	ô	ô	representado por o
ó	ó	ó	ó	ó	representado por o
u	u	u	u	u	representado por u

Como este quadro, mesmo desenvolvido tal qual o apresento aqui, seria pouco intelligivel destacado da exposição de que faz parte, vou, sem o alterar na essência, ampliá-lo, exemplificando-o com vocabulos, pelos quaes todo o individuo português do centro do reino poderá apreciar a alteração que as vogais sofrem quando passam a átonas, ou no caso contrário.

Das vogais nasais e dos ditongos nada direi por agora, pois que, exceptuando *ai*, *ei* e *oi*, antes de vogal, e *e* inicial, todos estes elementos escapam, com pequenas excepções de que me occuparei depois, à redução que faz o objecto deste primeiro estudo. Indicarei, no emtanto, no mapa as reduções de *ai*, *ei*, *oi* e *ói*.

¹ Príncipe L.-L. Bonaparte, «Portuguese Vowels, according to Mr. R. G. Vianna, Mr. H. Sweet and Myself» (Trans. of the Philol. Soc.), e H. Sweet «Spoken Portuguese». Veja-se também do Pr. Bonaparte, «On Portuguese Simple Sounds, compared with those of Spanish, Italian, French, English, etc.»

² Gröber, «Grundris der Romanischen Philologie».

VOGAIS E DITONGOIS	Antes de consoante que não seja nasal ou palatal			Antes de consoante nasal			Antes de consoante palatal, mesmo que seja nasal			Antes de vogal		
	TÓNICAS		ÁTONAS	TÓNICAS		ÁTONAS	TÓNICAS		ÁTONAS	TÓNICAS		ÁTONAS
	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos	Exemplos
ã	lava	lavar	placina	malha, laseca, rasga	malhar, lascrar, rasgar	malhar, lascrar, rasgar	caia	caiar	caiar	caiar	caiar	caiar
âi (=âi)	raiva	raivar	chama	coixa	coiceiro	coiceiro	ceia	cear	cear	cear	cear	cear
ê	deita	deitar	reina	beija, deixa	beijar, deixar	beijar, deixar	meia	meiteira	meiteira	meia	meiteira	meiteira
ê	leva	levar	teme	velha, inveja, cresta, envesgue	eujelhar, invugar, crestar, invesgar	eujelhar, invugar, crestar, invesgar	ideja	idejar	idejar	ideja	idejar	idejar
ê	cera	cercar	remo	cesto, desde	destar, cesteiro	destar, cesteiro	fia	fiar	fiar	fia	fiar	fiar
ê	viva	viver	lma	filho, linha, rijo, dis- ta, faga	filhar, linhar, enri- jar, distar, fagar	filhar, linhar, enri- jar, distar, fagar						
ô	cova	coveiro	toma	molha, mostra, rosna	molhar, mostrar, ros- nar	molhar, mostrar, ros- nar						
oi	fôro	foreiro	Roma	rolha, soubra, resto	rolhar, sonhar, arros- tar	rolhar, sonhar, arros- tar	boia	boiar	boiar	boia	boiar	boiar
ô							vea	vear	vear	vea	vear	vear
oi	moita	moiteira	coima	roixo	arroxar	arroxar	joio	joear	joear	joio	joear	joear
u	lava	laveiro	rama	empuxa, foja, custa, rosga	empuxar, fujir, cus- tar, resgar	empuxar, fujir, cus- tar, resgar	lua	luar	luar	lua	luar	luar
ou	louva	louvar	ô	ajouja	ajonjar	ajonjar						

O que é o "ê"

Os factos fonéticos e leis fonológicas importantes revelados pe'lo exame dêste cuadro, além de outros que ao depois apreciarei, são os seguintes:

- a) *â* e *ã*, ao perderem o *ict*o, convertem-se em *ã*.
- b) *ê* e *ê*, teem ambos como correspondente átona a mesma vogal neutra *e*, antes de consoante que não seja palatal.
- c) Semelhantemente, a *ò*, *ô* e *u* corresponde *o*, como vogal reduzida, em todas as situações porém.
- d) *e*, *i*, átonos juntos a consoante palatal não se diferenciam, convertendo-se o *e* e o *i* na reduzida *i*, o primeiro por assimilação palatal, o segundo por atenuação, qualquer que seja a origem do *e* (*ê*, *é*, *è*.)

Pe'los exemplos que comprovam esta última lei, da qual me occuparei especialmente agora, conjuntamente com a de redução de *ó*, *ô*, *u* a *o*, vê-se que *s* final de sílaba é considerado palatal. Efectivamente, assim se proferem os *ss* em tal situação no sul do reino, a partir do Mondego, em toda a faixa litoral, e é este o valor característico dêsses *ss* no dialecto comum, mantendo-se diferença constante entre eles, e os iniciais de sílaba. Os exemplos que dei são, como se vê do cuadro:

basta testa cesta desde dista fisga mostra rosto custo rusga
bastar testar cesteiro desdar distar fisgar mostrar arrostar custar rusgar

Para fazermos perfeita idea da identidade da vogal átona *i*, quer provenha de *ê* ou *é*, quer de *i*, antes de *s* palatal, podemos emparelhar vocábulos que pouco se diferencem nos outros fonemas, tais como: *desdar, distar, testar; pesgar, pescar, piscar*, os dois últimos idénticos na pronúncia.

Sabemos que o *s* final de sílaba é palatal, isto é, que equivale a *x* antes de consoante surda, e a *j* antes de consoante sonora, reduzidos porém, e logo direi em quê me parece que consiste essa redução.

Emparelhando, como disse, os três vocábulos *desdar, distar, testar* reconhece-se que de um para outro há diferença de sonoridade, de perceptibilidade na vogal átona que precede o *s*: no primeiro é ella apenas reduzida, indistinta; no segundo ainda mais indistinta e menos caracterizada; no terceiro em *testar*, é proferida sem voz, em segrêdo, *ciciada*.

Temos portanto no português meridional, como elementos, vogais reduzidas sonoras, semi-sonoras, e *ciciadas* ou surdas; fenómeno este último que tem passado despercebido, mas que qualquer pode apreciar facilmente pela sua própria pronúncia, e melhor, collocando-se, em relação a uma pessoa que esteja falando ou lendo sem ênfase, mas com voz clara, a distância tal que das palavras não sejam perfeitamente intelligíveis as consoantes, mas simplesmente as vogais, e que portanto a atenção à pronúncia delas não seja distraída e prejudicada pelo interesse que deriva da intelligibilidade do discurso. O mais competente apreciador, mesmo, dêstes fenómenos seria um estrangeiro, que com dificuldade entendesse o sentido das palavras, mas

que tivessê o condão de bem distinguir os sons que ouvisse pronunciar.

Vê-se pois que a vogal átona *g*, representante de *è, é, i* tónicos, antes de consoante palatal, é susceptível de três graus de sonoridade: voz plena, meia-voz, aфонia ou completa extinção de voz, conforme as consoantes com as cuais está em conjunção sejam ambas sonoras, uma delas sonora e a outra surda, ou ambas surdas: *desdar, distar, testar*.

E' de notar que se dão as mesmas leis de gradação de sonoridade com *g* proveniente de *ò, ô, u*, e que, pe'lo menos aqui em Lisboa, o *g* nunca, talvez, atinje completa aфонia, sendo semi-sonoro no segundo e terceiro casos de atenuação.

O que primeiro chamou a minha atenção para a existência provável de vogais ciciadas em português, facto a que apenas de leve eu aludira no meu «Essai», e também no que disse no «Positivismo» (1882, p. 165) com relação ao *e* e ao *i* átonos antes de palatal, foi uma observação feita, entre outras, acêrca daquele meu trabalho pelo eminente foneticista inglês que citei, o snr. H. Sweet, observação contida nas seguintes palavras que transcrevo, aproveitando aqui o ensejo para lhe agradecer a equidade benévola com que apreciou a minha exposição. Diz ele a p. 34 do seu notável opúsculo. «The only mention of whisper by G. V. is where he attributes it to the second element of diphthongs», p. 33. (Spoken Portuguese, Concluding Remarks).

Impressionou-me logo a ponderação do exímio foneticista, um dos mais conspicuos da actualidade, e fiz propósito de estudar melhor esta questão importante, e de a ela voltar na «Romania», porque evidentemente o que dissera no «Essai» fôra insufficiente. Outras occupações desviaram-me até aqui dêsse estudo, e é ele o que faz o assunto desta monografia, e em grande parte das que se lhe hão de seguir sobre a fonolôjia portuguesa.

Tentarei pois, como já disse, esmiuçar êste ponto e outros interessantísimos da fonética portuguesa e que sómente de relance tratara no referido trabalho; sendo, me parece, a falta de menção expressa das vogais ciciadas, e das consoantes aspiradas ¹ *c', qu', t', p'*, as lacunas mais importantes que se notarão nele.

¹ V. «Rev. Lusitana», p. 198. Sobre as aspiradas veja-se *ibid.* p. 225, 226, onde expressamente já as reconheci como jerais.

O Prof. Vasconcellos Abren, no opúsculo intitulado «Programa para o estudo do sânscrito clássico» (Imprensa Nacional 1887), faz menção das aspiradas a p. 2, nestes termos: «Os fonemas *kh, gh, th, dh, ph, bh*, e os outros são aspirados como são *c (q) t, p* em português em certas vozes; a diferença é de intensidade de...» Já antes o snr. Leite de Vasconcellos, na sua tese «A evolução da linguagem» (Porto 1886), mencionou e classificou (na tabela, a p. 28 e 29) as consoantes aspiradas como elementos da fala portuguesa; todavia conta entre elas sonoras que não encontro na pronúncia de Lisboa.

Creio ter sido ele o primeiro que por escrito nos «Dialectos Interamnenses»,

As vogais *cic* das portuguezas encontram-se em sílabas átonas, ou antetónicas ou postónicas, em conjunção com explosivas ou fricativas surdas. São essas vogais:

a) *o* (*u*) e finais na pausa, precedidos das fricativas surdas *x*, *s*, *f*, e das explosivas também surdas *k* (*c* ou *qu*) *t*, *p*, que neste caso são aspiradas se a sílaba está descoberta (não seguida de outro fonema). Se a sílaba é fechada por consoante que não seja *s*, *x*, (*s* pal.) o *o* não é afónico.

o (*u*) e mediais entre essas consoantes surdas, não se aspirando neste caso as explosivas, ou aspirando-se muito pouco. Para o *e* átono, porém, em contacto com *x*, veja-se b).

Devo advertir que sómente a *z*, *ç* me refiro. Quando *e* ou *o* são abertos ou fechados não há afonia nem aspiração.

b) *i* e *e* entre duas palataes, das quaes uma fricativa, surdas porém ambas elas, valendo qualquer destas duas letras vogais em tal caso por *z*, *i* reduzido surdo.

O melhor modo de notar as vogais *cic* das seria o sinal ' subscrito, como esse mesmo sinal sobrescrito ' indicaria a aspiração da consoante. Era esta última a notação de Bopp, e adoptam-na hoje Brücke, Sievers, Lundell e outros.

Qualquer das vogais *cic* das é semi-sonora se um só dos sons contiguos é sonoro; sonoras se ambas o são, e ainda mais se as consoantes sonoras são ambas fricativas.

A reduzida *ç* parece-me que nunca é inteiramente afónica, como já disse.

i, *u* semi-vogais são igualmente sonoros, semi-sonoros ou surdos, nas mesmas circunstâncias. Quando surdos podem marcar-se com ' ; fora d'este caso com o círculo sobrescrito.

Sobre os *ss* palataes, surdo e sonoro em fim de sílaba, no português meridional, valores, cuja apreciação tem variado tanto, direi que me parece serem simplesmente *x* e *j*, mais ou menos palataes conforme a vogal que os precede ou a consoante que se lhes segue, atenuados, porém ¹); e que a diferença que existe entre *diz* (*dix*) e *diche* (*dixi*),

III, p. 7 (1885), fez menção de aspiradas em português, determinando na generalidade onde o *p* aspirado se produz. É facto, porém, que ellas haviam já chamado a minha atenção, e que eu as havia citado em correspondência epistolar com vários. Também me consta que o meu amigo Vasconcellos Alreu as reconhecia em português, pelo menos nestes dois últimos anos, quando na sua exposição da fonética do alfabeto devanagrico tinha que as descrever na aula de s'onscrito.

Como é sabido, pelas afirmativas dos modernos foneticistas alemães, ingleses, e já entre os franceses do sr. Paulo Passy, e muito antes de todos elles pelas de Lapsius, existem surdas aspiradas nos mais dos dialectos germânicos e igualmente em alguns falares de França, especialmente no começo da sílaba tónica.

Sobre o sinal ' pelo qual as designo, veja-se in *Positivismo* «O livro da Escrita do Prof. Faulmann», p. 340.

¹ Respondo d'este modo a outra observação do sr. H. Sweet, concebida nestes termos: «His description of (os símbolos da sua transcrição, que não teria modo de figurar aqui, e que representam o *s* palatal surdo e sonoro) is vague.»

por exemplo, consiste principalmente em que o segundo vocábulo depois da palatal *x* tem o *i* reduzido surdo, emquanto que o primeiro termina positivamente nessa palatal *x*, proferida no menor espaço de tempo possível para a emissão de uma fricativa; e se está na pausa, a ponta da lingua estabelece logo após essa emissão uma oclusão no ponto do palato, ou antes das jinjivas, que lhe fica mais próximo, ou abandona a posição que tomara para estabelecer o apêrto, voltando à posição indiferente. No primeiro caso o sibilo é um tanto mais prolongado e confundir-se há mais facilmente com a sílaba *xz*.

Se a palatal é sonora (*ji*), nesse caso o *i* reduzido é sonoro também; e como *s* palatal sonoro não aparece na pausa, não será fácil a confusão: *s* seguido de palatal sonora não terá a vogal *z* a separá-lo dela, como sucederá com a sílaba *jz* (*je, ji*) se tal sílaba for seguida de outra começada por consoante igualmente palatal. Com efeito, para se compreender a distinção, basta compararem-se: *reje-the, foje-the*, com *rês the (dá), foz the (faz)*. Compare-se também *reje m'a*, com *res-na, rês de cá* com *ranje de cá*.

Concluindo por agora, direi ainda que é da maior urgência que se publique um vocabulário, no qual todas as particularidades da pronúncia vocabular de cada palavra estejam indicadas gráficamente, como acontece nos dicionários de pronúncia ingleses. Esse trabalho, para ser perfeito, ou pelo menos correcto, é forçoso que seja executado, ou revisto, por um foneticista competente. Só então, pelo estudo de tal vocabulário, poderão fixar-se todas as leis que regulam a pronúncia portuguesa, tal como ela é actualmente, e não como o era há um século. O meu maior desejo é que esse trabalho apareça feito por quemquer que seja, mas bem feito.

Quanto a notação diacritica, a que estabeleci no «Essai», ampliada com os sinais que aqui proponho, creio que seria a suficiente, para a transcrição vocabular pelo menos: ficando por certo tão rigorosa como as melhores inglesas, alemãs ou escandinavas, que tem sido propostas e empregadas pelos especialistas d'este ramo da glotologia. E se nesta Revista eu não indico as feições principais do sistema, é porque dificuldades tipográficas n'ò impedem. Por motivo de dificuldades semelhantes, mas muito menores, certissimamente, há incongruências e deficiências na notação que empreguei na «Romania».

Em breve proseguirei nestes estudos.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

Satisfeitas ficam igualmente as dúvidas que o Príncipe L.-L. Bonaparte me propôs acerca destas consoantes, e ampliada a descrição que delas lhe fiz. Comu-dá-as como idénticas a *xj*, Sweet supõe semi-sonoro o *s* antes de consoante branda: não tem razão.